

O desafio de uma perspectiva interdisciplinar na construção pedagógica do conhecimento geográfico

Care Cristiane Hammes*



Para produzir a reflexão sobre a totalidade do conhecimento geográfico, o texto apresenta como objetivo resgatar a origem e o sentido da perspectiva interdisciplinar na construção pedagógica do conhecimento geográfico. Inicialmente resgata o sentido da interdisciplinaridade e em seguida traz a importância de compreender a Geografia em suas relações com as demais ciências. Procura trazer outro olhar sobre a prática da sala de aula, integrando os alunos/professores numa (re)criação do conhecimento de forma criativa e integrada. Busca significados na estruturação do espaço geográfico, no qual concepções e conceitos geográficos mostram-se imbricados com outras áreas do conhecimento. Traz a importância de valorizar a autonomia do aluno em sua formação crítica, nas relações que estabelece com o próximo e o espaço vivido, gerando um conhecimento transformador. A Geografia, numa perspectiva interdisciplinar, pode assumir, dessa forma, uma postura de mudança ao repensar velhas formas de ver o mundo, buscando novos sentidos para a existência humana ao colocar-se como parte integrante da Terra em sua magnífica totalidade.

Palavras-chave: interdisciplinar, espaço geográfico, construção pedagógica.

The objective of this text is to rescue the origin and the meaning of interdisciplinary perspectives in the pedagogical construction of geographic knowledge in order to produce reflections about its totality. Initially, the text rescues the meaning of interdisciplinarity and, then, it deals with the importance of understanding Geography in its relations with other sciences. It intends to bring another view of classroom practice, integrating teachers and students in a (re)creation of knowledge in both creative and integrated manners. It also searches for meanings in the structure of geographic space, in which geographic conceptions and concepts are connected with other areas of knowledge. It brings the importance of valuing students' autonomy in their critical development, in the relations they construct with their peers and their environment, creating transforming knowledge. Geography, in an interdisciplinary perspective, can assume new features while reflecting about old ways of perceiving the world, looking for new meanings for human existence as it takes part in the Earth in its magnificent totality.

Keywords: interdisciplinary; geographic space; pedagogical construction.

* Mestre em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Especialista em Geografia pela PUC-RS. Professora de Geografia da UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, da MACE/UNIDERP e Escola Franciscana Imaculada Conceição, Dourados - MS. carehammes@gmail.com ou carehammes@hotmail.com

1 APRESENTAÇÃO

O espaço vivido ou espaço do cotidiano é palco das repercussões de um mundo globalizado em constante processo de transformação, pois “vem ocorrendo uma mudança abissal nas práticas culturais, bem como político-econômicas [...], [...] vinculada à emergência de novas maneiras dominantes pelas quais experimentamos o tempo e o espaço” (HARVEY, 1992, p.7).

A sala de aula – como parte desse cenário – não foge a essas conseqüências. Dentre as tantas que repercutem neste espaço, é importante ressaltar a grande quantidade de informações chegando para os alunos; informações estas que devem ser analisadas/interpretadas criticamente, avaliando o que pode ser conhecimento e o que pode ser um jogo de palavras, com intuito de confundir ou dar uma visão parcial dos fatos. Mas como os alunos podem analisar as informações de forma crítica e reflexiva, quando, muitas vezes, as escolas tratam o conhecimento como algo *fragmentado e desconectado* da vida real?

Nesse cenário, o professor é instigado a dar conta de inúmeros afazeres que incluem trabalhar com estes desafios, onde o conjunto de informações é sempre mutável, discutível e renovável por estar inserido numa sociedade complexa em

que a escola parece não conseguir desempenhar o seu papel.

Esta situação pode ter vindo de um tempo de transição ou de mudança de uma sociedade pós-industrial para uma sociedade da informação ou do conhecimento e, embora, isto possa soar como lugar-comum ou algo óbvio, é importante não perder de vista essa realidade ao refletir e debater sobre o que é ensinado - e como é ensinado - na escola e as funções que essa instituição cumpre - e que requer cumprir - nesse período de mudanças.

O texto, na perspectiva de que algo mudou e que continuará mudando sempre que o instituído não der conta de esclarecer o estabelecido, pretende abordar a perspectiva interdisciplinar na construção pedagógica do conhecimento geográfico, buscando compreender sua origem, significado e importância na busca de um outro olhar para o conhecimento geográfico em suas relações com as demais ciências.

Isso pode desencadear um pensamento voltado à realidade: observando, descrevendo, comparando, construindo e organizando as informações pertinentes ao processo que poderá conduzir a tomada de decisão como intervenção solidária na realidade, respeitando valores humanos e considerando a diversidade sociocultural.



2 A COMPREENSÃO DA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR

Uma disciplina é uma parcela autônoma, mas não independente, do saber geral. É assim que se transcendem as realidades truncadas, as verdades parciais, mesmo sem a ambição de filosofar ou de teorizar.

Milton Santos²

A compreensão de que o mundo é um só, ao referenciar Santos (2004), requer a necessidade de estabelecer o diálogo como fonte de inspiração para entender a complexidade da perspectiva interdisciplinar, pois é através do diálogo que todo o ser humano é brindado com a oportunidade de pronunciar a sua palavra.

Ao trazer essa postura dialógica, essencial para falar na perspectiva interdisciplinar, é essencial resgatar a *dialogicidade* em Freire (2004), um autor brasileiro que pronunciou a sua palavra, refletiu sobre ela e a executou. Acreditou no ser humano, na possibilidade de criar o bem, na capacidade de amar. Como afirma Freire (2004),

[...] não há comunicação sem dialogicidade e a comunicação está no núcleo do fenômeno vital. Nesse sentido, a comunicação é vida e fator de mais-vida. Mas, se a comunicação e a informação ocorrem ao nível da vida sobre o suporte, imaginemos sua importância e, portanto, a da dialogicidade, na existência humana no mundo. Nesse nível, a comunicação

e a informação se servem de sofisticadas linguagens e de instrumentos tecnológicos que “encurtam” o espaço e o tempo (p. 74, 75).

Nesse sentido, é preciso expressar a palavra por meio do diálogo com os autores que estudam a interdisciplinaridade, a fim de elucidar esse conceito e trazer uma postura com perspectiva interdisciplinar, buscando o conhecimento em sua totalidade. Segundo essa idéia, todas as coisas presentes no Universo formam uma unidade. “Cada coisa nada mais é que parte da unidade, do todo, mas a totalidade não é uma simples soma das partes. As partes que formam a totalidade não bastam para explicá-la” (SANTOS, 2004, p. 115). O todo somente pode ser conhecido pelo conhecimento das partes e as partes somente podem ser conhecidas através do conhecimento do todo.

É essencial, de acordo com Santos (2004), que a disciplina, a parcela da realidade total, possa ser autônoma e, ao mesmo tempo, integrada à realidade total, pois o mundo é um só. Cada disciplina é apenas uma parte autônoma, mas não independente da realidade total. Os materiais constitutivos de todas as disciplinas são os mesmos. Assim, podemos superar verdades parciais, realidades truncadas e conhecimentos fragmentados.

² SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço. São Paulo: EDUSP, 2004. p.20.

A categoria da totalidade é como uma chave para o entendimento do movimento permanente de dissolução e de recriação de sentido do conjunto indissociável de objetos e ações, já que a consideramos como existindo dentro de um processo permanente de totalização que é, ao mesmo tempo, um processo de unificação e fragmentação e individualização. É assim que os lugares se criam, e se recriam e renovam, a cada movimento da sociedade (SANTOS, 2004, p. 25).

Sousa Santos (2004) evidencia que não se deve opor e colocar em gavetas à parte os diferentes saberes das áreas didáticas do conhecimento científico, filosófico e artístico. Diz que o paradigma emergente ou os novos paradigmas emergentes batem à porta das ciências e abrem as janelas da educação. Estão chegando para acordar para a idéia de que cada conhecimento só atualiza o seu pleno significado, quando conectado a campos e planos mais e mais integrados de compreensão. Isso fortalece a idéia de que o conhecimento não está pronto e acabado, mas sim em constante processo de construção e reconstrução.

Fazenda (2003) reforça a idéia de que a interdisciplinaridade encontra como base, como alicerçamento para a sua edificação, a filosofia, porque somente a filosofia pode dar à interdisciplinaridade o caráter de totalidade coerente que ela requer. Esse caráter está ligado a um método crítico e reflexivo.

Crítico, no sentido em que pensa as diferentes ciências e seus métodos sob uma atitude imparcial e engajada; imparcial na medida em que não procura um posicionamento tendencioso. O filósofo não está ligado a nenhuma ciência em particular. Reflexivo porque remonta a ação, afastando-se dela para aprendê-la em sua totalidade. O distanciamento da ação possibilita ao filósofo adquirir uma visão sintética da realidade. O não comprometimento com as partes, o poder de análise reflexiva e síntese, característica da atitude filosófica, podem levar os integrantes do processo interdisciplinar a novas revelações e conseqüentes reformulações de seus objetivos (FAZENDA, 2003 p. 44).

Na obra de Fazenda (2003), encontra-se o princípio de que o conhecimento interdisciplinar busca a totalidade, se respeitando a especificidade das disciplinas. Além disso, a autora ressalta que a interdisciplinaridade se desenvolve a partir do desenvolvimento das próprias disciplinas, de uma forma reflexiva, dialógica e relacional. “Ela é a arte do tecido que nunca deixa ocorrer o divórcio entre seus elementos, entretanto de um tecido bem trançado e flexível” (FAZENDA, 2003, p. 29). No conceito explicitado por Fazenda (1993), a interdisciplinaridade é a atitude diante do conhecimento que implica mudança de postura frente à questão do saber e da vida. Acrescenta ela, que a interdisciplinaridade se faz em parceria, o que propicia cooperação, trabalho, diálogo entre as pessoas, entre as disciplinas e entre outras formas de conhecimento.



Para compreender a interdisciplinaridade, é importante analisar anteriormente o que vem a ser uma disciplina. Palmade (1979, p. 21) conceitua a disciplina como um “conjunto de conhecimentos que tem suas características próprias no terreno do conhecimento, da formação, dos mecanismos, métodos e matérias”. Pode ser concebida como uma progressiva exploração científica especializada numa certa área ou domínio homogêneo de estudo. Conforme Japiassú (1976, p. 61), uma disciplina “deverá antes de tudo estabelecer e definir suas fronteiras constituintes. Fronteiras estas que irão determinar seus objetos materiais e formais, seus métodos, sistemas, conceitos e teorias”. Dessa forma, falar de interdisciplinaridade é evidenciar a interação entre as disciplinas.

De acordo com Japiassú (1976), as relações entre as disciplinas se estabelecem em graus diferenciados: multidisciplinaridade³, pluridisciplinaridade⁴, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade⁵. As diferenças entre elas emergem das fronteiras entre as disciplinas,

sedimentadas historicamente em função dos mais diversos interesses sociais e também entre teorias, paradigmas, campos epistemológicos, profissões e campos de saber/fazer. Tanto nas práticas multidisciplinares quanto nas pluridisciplinares, são realizadas apenas agrupamentos de certos módulos disciplinares, sem relação entre as disciplinas (multidisciplinaridade) ou com algumas relações (pluridisciplinares).

A interdisciplinaridade é um termo que não tem significado único, possuindo diferentes interpretações. Contudo, em todas elas está implícita uma nova postura diante do conhecimento,

uma mudança de atitude em busca da complementaridade do pensamento, uma transgressão disciplinar, [...] busca de ultrapassagem das fronteiras estabelecidas arbitrariamente num dado momento histórico, como tentativa de resgate da totalidade (FERNANDES, 1999 p.18).

Em termos de interdisciplinaridade, Japiassú (1976) traz a idéia de que os diversos campos do saber estabelecem interações, conexões e diálogo. As relações de po-

³ Gama de disciplinas que propomos simultaneamente, mas sem fazer aparecer as relações que podem existir entre elas. Sistema de um só nível e de objetivos múltiplos; nenhuma cooperação (JAPIASSÚ, 1976, p. 73-74).

⁴ Justaposição de diversas disciplinas situadas geralmente no mesmo nível hierárquico e agrupadas de modo a fazer aparecer as relações existentes entre elas. Sistema de um só nível e de objetos múltiplos; cooperação, mas sem coordenação (JAPIASSÚ, 1976, p. 73-74).

⁵ Coordenação de todas as disciplinas e interdisciplinas do sistema de ensino inovado, sobre a base de uma axiomática geral. Sistema de níveis e objetos múltiplos; coordenação com vistas a uma finalidade comum dos sistemas (JAPIASSÚ, 1976, p. 73-74).

der entre as disciplinas se dão de forma horizontal. Japiassú foi um dos primeiros a pesquisar sobre o tema, explicando a interdisciplinaridade como sendo a axiomática comum a um grupo de disciplinas conexas e definidas no nível hierárquico e imediatamente superior, introduzindo, assim, a noção de finalidade. Ao explicar o conceito de uma forma mais detalhada, ele concebe a interdisciplinaridade como

[...] uma nova etapa do desenvolvimento do conhecimento científico e de sua divisão epistemológica, exigindo que as disciplinas científicas, em seu processo constante e desejável de interpenetração, fecundem-se cada vez mais reciprocamente, a interdisciplinaridade é um método de pesquisa e de ensino suscetível de fazer com que duas ou mais disciplinas interajam entre si. Esta interação pode ir da simples comunicação das idéias até a integração mútua dos conceitos, da epistemologia, da terminologia, da metodologia, dos procedimentos, dos dados e da organização da pesquisa. Ela torna possível a complementaridade dos métodos, dos conceitos, das estruturas e dos axiomas sobre os quais se fundam as diversas práticas científicas (JAPIASSÚ; MARCONDES, 1996, p.145).

Partindo dessa concepção de interdisciplinaridade, duas ou mais disciplinas entram num processo de interação e, ao mesmo tempo, num possível diálogo em pé de igualdade, evitando a supremacia de uma sobre as demais. As trocas são recíprocas e o enriquecimento pode ser mútuo. São colocados em comum não somente os axiomas e os conceitos fundamentais, como também os próprios métodos.

Em suma, a interdisciplinaridade não é apenas um conceito teórico. Cada vez mais, parece se mostrar como uma prática individual e coletiva. Individual, por ser fundamental uma atitude de curiosidade, de abertura, de descoberta, de desejo de aprender com outros enfoques. Coletiva, pois não pode haver nenhum confronto sólido entre as disciplinas sem o contato efetivo de representantes qualificados de cada uma delas. Japiassú (1976, p. 82) diz que

é preciso que estejam todos abertos ao diálogo, que sejam capazes de reconhecer aquilo que lhes falta e que podem ou devem receber dos outros. Só se adquire essa atitude de abertura no decorrer do trabalho em equipe interdisciplinar.

A perspectiva interdisciplinar visa à intercomunicação e à interação dinâmica entre as disciplinas. Contribui para uma nova visão de conhecimento, mobiliza a transformação de metodologias, a construção de conceitos, a cooperação e conduz ao enriquecimento mútuo dos envolvidos. Dessa forma, a interdisciplinaridade difere da concepção de pluri ou multidisciplinaridade, as quais apenas justapõem conteúdos. A postura interdisciplinar é compreendida como o estudo do desenvolvimento de um processo dinâmico, integrador e, sobretudo, dialógico, intensificando as trocas entre os especialistas e a integração dos conhecimentos.



Em uma perspectiva filosófica, Rios (2003, p. 43) destaca que, neste mundo complexo, também se tornam mais complexas as tarefas dos professores. Ressalta que “um mundo fragmentado exige, para a superação da fragmentação, uma visão de totalidade, um olhar abrangente e, no que diz respeito ao ensino, à articulação estreita dos saberes e capacidades”.

Na visão de Freire (2005), a finalidade da interdisciplinaridade é estimular uma educação do pensar autêntico, que não se deixa emaranhar pelas visões parciais da realidade, buscando sempre os nexos que prendem um ponto a outro, ou um problema a outro. Para isso, não se pode

[...] falar da realidade como algo parado, estático, compartimentado e bem-comportado, [...] ou dissertar sobre algo completamente alheio à experiência existencial dos educandos vem sendo, realmente, a suprema inquietação desta educação. [...] Conteúdos que são retalhos da realidade desconectados da totalidade em que se engendram e em cuja visão ganhariam significação. A palavra, nestas dissertações, se esvazia da dimensão concreta que devia ter ou se transforma em palavra oca, em verbosidade alienada e alienante. Daí que seria mais som que significação e, assim, melhor seria não dizê-la (FREIRE, 2005, p. 65-66).

Precisa existir, no ambiente interdisciplinar, um diálogo, tanto entre os pares – colegas e professores – quanto entre as disciplinas e seus respectivos conteúdos, para

que haja troca de idéias. Para Freire (1987), o diálogo começa quando o professor pergunta em torno “de quê” ele vai dialogar com seus alunos. O diálogo, mantido no ambiente interdisciplinar, deve ajudar a estabelecer a comunicação e a cooperação entre alunos e professores.

O trabalho interdisciplinar envolve um rigor epistemológico. Isso implica uma mudança de atitude do professor que, por sua vez, refletirá na mudança de postura do aluno frente ao conhecimento. Tanto o professor quanto o aluno tendem a mudar para compreender que o conhecimento não existe, *a priori*, pronto e acabado - faz parte do compromisso de ambos participarem da elaboração do mesmo. Isso se dá através de uma atitude interdisciplinar que

[...] ante alternativas para conhecer mais e melhor; atitude de espera ante os atos não consumados, atitude de reciprocidade que impele à troca, que impele ao diálogo, ao consigo mesmo, atitude de humildade ante a limitação do próprio saber, atitude de perplexidade ante a possibilidade, ante o novo, desafio em redimensionar o velho; atitude de envolvimento e de comprometimento com os projetos e com as pessoas nelas envolvidas; atitude, pois de comprometimento em construir sempre da melhor forma possível; atitude de responsabilidade, mas sobretudo, de alegria, de revelação, de encontro, enfim, de vida (FAZENDA, 2003, p. 75).

Em um ambiente interdisciplinar, de acordo com Fazenda (1994), a dúvida conduz à reflexão,

e esta à ação. Nesse contexto, surge a busca de uma teoria que fundamente a prática, em um processo contínuo de indagação e de insatisfação.

É necessária uma metodologia bem definida ao realizar um trabalho interdisciplinar. Só assim é possível iniciar a construção do conhecimento voltado para a inter-relação entre as disciplinas e os conteúdos dessas, o que levará à inter-relação e à conexão entre os conhecimentos de forma consciente. Japiassú (1976) diz que a metodologia se faz necessária como um meio que possibilita atingir um determinado objetivo cognitivo. Isso pode ser desenvolvido na forma como as práticas se organizam, no diálogo entre os professores e destes com os alunos, como são estabelecidas as etapas de trabalho, os espaços que são ocupados, as fontes que servem como referenciais, a forma como são construídos os conceitos e outros.

Os conceitos a serem trabalhados em um ambiente interdisciplinar necessitam ser apresentados de forma contextualizada para que adquiram um significado e tenham sentido. A fragmentação do conhecimento não conduz à crítica, pelo contrário, se traduz em alienação frente à realidade.

A perspectiva interdisciplinar pode estimular o pensar na totalidade do conhecimento, na grandeza de desenvolver um professor em

todas as suas potencialidades. Incentiva a produção de conceitos novos, o diálogo, o amor, o respeito pela idéia do outro, o trabalho em equipe, a análise crítica e o resgate da auto-estima de todos os envolvidos no processo da aprendizagem.

Assim, através da interdisciplinaridade, pode ser realizada a parceria com outras áreas do conhecimento como forma de construir uma melhor percepção da noção de tempo e de espaço, ou mesmo de outra forma de conhecimento. Desse modo, são estabelecidas redes, contatos com o mundo da vida, com os lugares locais ou globais, imaginados ou virtuais, enfim, com a educação em sua grande função de repensar a caminhada humana.

3 A CONSTRUÇÃO PEDAGÓGICA DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO NUMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR

Para valorizar a construção pedagógica do conhecimento geográfico numa perspectiva interdisciplinar, é importante trazer, para esse diálogo, as palavras de Santos (2004), no qual percebe a Geografia como uma ciência onde o espaço, "conjunto indissociável de sistema de objetos e sistema de ações" (p. 21), deve ser visto na realidade total e de relações que se estabelecem entre o homem e o meio, a sociedade e a natureza, entre ela e as demais ciências.



Ao pensar na construção pedagógica é importante trazer as palavras de Fernandes (1999), que a concebe como um “conjunto de relações tecidas com afeto e exigência, que não ocorrem no vazio das relações pré-vistas, mas sim em relações construídas e mediadas pelo conhecimento não-pronto e pela realidade não-cristalizada, pela problematização que traz um pensar crítico [...]” (p. 190).

Ao pensar a Geografia nas suas relações com as demais ciências e nas ciências que a compõem, se pode dizer que o espaço é dinâmico, historicamente construído, e faz parte da totalidade social, tendo suas características internas determinadas e determinantes de sua interação com o todo.

Tempo, espaço e mundo são realidades históricas que devem ser mutuamente conversíveis, se a nossa preocupação epistemológica é totalizadora. Em qualquer momento, o ponto de partida é a sociedade humana em processo, isto é, realizando-se. Essa realização se dá sobre uma base material: o espaço e seu uso; o tempo e seu uso; a materialidade e suas diversas formas; as ações e suas diversas feições (SANTOS 2004, p.54).

Para isso, Santos (2004, p. 21) destaca que é importante trazer com clareza o objeto de uma disciplina para que a mesma possa estar em diálogo com as demais. Define o espaço como objeto do estudo da Geografia e o conceitua como um “conjunto indissociável

de sistemas de objetos e de sistema de ações”. Com essa abordagem, a Geografia precisa contribuir na interpretação da realidade, na análise das questões que envolvem a sociedade e, também, na construção de proposições para essa sociedade. Como afirma Carlos (2002, p. 8),

A ciência geográfica tem como tarefa a compreensão explicitamente reproduzida da realidade e o questionamento sobre o modo pelo qual a análise espacial pode contribuir para o entendimento do mundo e seu processo de transformação, recriando constantemente a necessidade de se repensar o papel explicativo da Geografia.

A compreensão da realidade necessita de uma visão de conhecimento com perspectiva interdisciplinar, especialmente em Geografia. Nesse caso, é essencial articular a Geografia com as demais ciências. Conforme Fazenda (1993, p. 64), “qualquer disciplina pode ser a articuladora de um novo fazer e de um novo pensar”. Por isso, é importante buscar o diálogo para intermediar as diferenças, a totalidade do conhecimento, para que se compreenda a grandeza e a riqueza da vida, o respeito à especificidade das disciplinas e para que se busquem novas metodologias e formas de vivências. A isso está implícito, como pressuposto, que o conhecimento é construído pela

humildade de aprender e de reaprender a cada dia e pela participação de cada um nessa construção.

Uma prática pedagógica com perspectiva interdisciplinar pode ser caracterizada pela integração das disciplinas e por trocas entre os especialistas. Envolve, assim como afirma Gonçalves (1996, p. 173), um “[...] esforço conjunto de professores de diferentes disciplinas do currículo escolar na busca de um eixo em torno do qual se articulam elementos teórico-metodológicos de suas disciplinas [...]”.

A Geografia se justifica como eixo articulador de uma prática pedagógica interdisciplinar na medida em que é capaz, por sua natureza, de favorecer a promoção de diálogo entre diferentes áreas do conhecimento. Ela é um ramo do conhecimento científico profundamente ligado aos demais, o que torna possível estabelecer muitas ligações com outros campos do conhecimento, sendo todas as ciências enriquecidas pela aproximação e troca de idéias.

Acreditando que a escola é o lugar privilegiado para educar de forma interdisciplinar, esse pode ser o espaço onde a Geografia possa contribuir para a superação da visão disciplinar, possibilitando a produção de saberes que conduzem à transformação do vivido.

Na prática do ensino de Geografia, em geral, falta o estabelecimento de relações entre as diferentes áreas do conhecimento, o que

faz com que o espaço não seja entendido como um todo interligado. Sendo assim, o conhecimento geográfico é visto com pouca eficácia, ou, até mesmo, sem um sentido real. É importante que o conhecimento seja construído a partir de um enfoque interdisciplinar a fim de que esse quadro seja revertido.

O enfoque interdisciplinar consiste num esforço de busca da visão global da realidade, como superação das impressões estáticas, e do hábito de pensar fragmentador e simplificador da realidade. Ele responde a uma necessidade de transcender a visão mecanicista e linear e estabelecer uma ótica que vê a realidade, em seu movimento, constituída por uma dinâmica de inter-relações circulares, visando estabelecer o sentido de unidade que ultrapassa as impressões fracionadas (LUCK, 1994, p. 72).

A Geografia é uma ciência onde o espaço pode ser visto integrado na realidade total. Abrange a rede de relações que se estabelecem entre o homem e o meio, a sociedade e a natureza, entre ela e as demais ciências. Santos (2004) reconhece como características analíticas internas do espaço a paisagem, a configuração territorial, a divisão territorial do trabalho, o espaço produzido ou produtivo, as rugosidades e as formas de conteúdo. O autor levanta, ainda, questão sobre recortes espaciais, propõe debates de problemas como o da região e o do lugar, o das redes e das escalas. O conteúdo geográfico do cotidiano também se inclui entre esses conceitos constitutivos



e operacionais, próprios à realidade do espaço geográfico, junto à questão de uma ordem mundial e de uma ordem local.

É o lugar que oferece ao movimento do mundo a possibilidade de sua realização mais eficaz. Para se tornar espaço, o mundo depende das virtualidades do lugar. Nesse sentido, pode-se dizer que, localmente, o espaço territorial age como norma. Cada lugar é ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente (SANTOS, 2004, p. 338-339).

A Geografia é uma ciência onde o espaço pode ser visto integrado na realidade em sua totalidade, envolvendo a rede de relações do ser humano com o meio, da sociedade com a natureza, enfim, as próprias relações dos seres humanos entre si. Em sua visão interdisciplinar, evidencia, ainda, a valorização das relações entre a técnica e o espaço e entre o espaço e o tempo, bases para a construção de um sistema de conceitos coerentemente formulados, objetivando definir o espaço geográfico e seu papel ativo na dinâmica social. Nessa visão, destaca que “cabe ao geógrafo propor uma visão totalizante do mundo, mas é indispensável que o faça a partir de sua própria província do saber, isto é, de um aspecto da realidade global” (SANTOS, 2004, p.114).

Partindo desse princípio, os lugares são partes da totalidade do

espaço. Esses lugares apresentam uma identidade, uma estrutura, uma história, ou seja, são espaços dinâmicos, de relações, de ações e de fluxos. “A totalidade é o resultado e a totalização é o processo. A totalização compreenderia o passado, o presente e o futuro. A totalidade está sempre em movimento, num incessante processo de totalização” (SANTOS, 2004, p.118-119).

Portanto, é essencial que o espaço seja compreendido em suas múltiplas dimensões, contradições, conflitos, “como um conjunto de objetos e de ações que revela as práticas sociais dos diferentes grupos que vivem num determinado lugar, interagem, sonham, produzem, lutam e o (re) constroem” (CASTROGIOVANNI et al, 2003a, p. 7).

Fazer a leitura do mundo cada dia mais complexo, considerando a dimensão espacial, passa a ser o desafio da Geografia na sua articulação com as demais ciências. É necessário destacar que vem ocorrendo uma mudança profunda nas práticas culturais, bem como político-econômicas, vinculada à emergência de novas maneiras dominantes pelas quais se experimentam o tempo e o espaço.

Essa mudança profunda interfere no ensino de Geografia, o que faz com que o professor tenha a necessidade de repensar o seu papel como mediador de um conhecimento que leve à formação de alunos críticos em uma sociedade em constante transformação.

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres vazios a quem o mundo “encha” de conteúdos; não pode basear-se numa consciência espacializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como “corpos conscientes” e na consciência como consciência intencionada ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo (FREIRE, 2005, p. 77).

Conduzir ao conhecimento sobre o espaço é refletir sobre a ambiência⁶, é provocar a *estranheza* no ato de aprender e reaprender, é desafiar e questionar os conceitos *ditos como acabados* e provocar a *tensão* no ato de educar e de integrar a Geografia com outros conhecimentos. É essencial sair da mesmice, desacomodar, repensar a forma de intermediar a produção do conhecimento.

Em suas relações com as demais ciências, é essencial que a Geografia construa as noções básicas de localização, de represen-

tação e de compreensão da estrutura do espaço, elaboradas dinamicamente pelas sociedades ao longo do tempo.

No saber geográfico, devem estar incluídos conceitos como: localização, orientação, representação, paisagem, lugar e território e valorizadas algumas ferramentas, como a cartografia, que instrumentaliza o aluno para ser um leitor e mapeador ativo, consciente da perspectiva subjetiva na escolha do fato cartografado, marcado por juízo de valor (CASTROGIOVANNI et al, 2003a, p. 8).

Para Castrogiovanni et al (2003a), a representação dos segmentos espaciais é fundamental no processo de descentração do aluno, facilitando a leitura do todo espacial. Destaca, ainda, que o ensino de Geografia deve estudar o espaço em suas múltiplas dimensões, percebendo que cada lugar é habitado por grupos que produzem, interagem, conquistam e transformam o espaço, desenhando – o com suas vivências, crenças e culturas.

Ao valorizar o espaço vivido, a Geografia, em articulação com as

⁶ O significado do termo ambiência deseja remeter a uma noção de espaço geográfico como um sistema composto por relações sociais articuladas a relações físico-sociais, espaço condicionador da existência humana e que pode, ser eleito como objeto catalisador de ações transformadoras exatamente por este motivo – por ser condicionador da existência humana. O espaço vivido pode ser entendido como a rede de manifestações da cotidianidade desse sistema em torno das intersubjetividades que são, por sua vez, as redes nas quais se constituem as existências individuais – no trabalho, na escola, na família, nas outras diversas formas da vida societária. Ambiências: conjuntos dentro de conjuntos, vasos comunicantes, formando a idéia de teleduras concêntricas nas quais, no centro, localiza-se em cada situação determinados sujeitos coletivos/individuais em comunicação com a geografia das redes em torno, condicionando essas redes e sendo condicionados por elas (HEIDRICH; REGO; SUERTEGARAY, 2000, p. 7-8).



demais ciências, favorece a compreensão da realidade e de uma possível transformação da mesma. Como afirma Castrogiovanni et al (2003b),

[...] o saber Geografia não é apenas evocar nomes. É reconhecer as influências, as interações que lugares e paisagens têm com nosso cotidiano. É importante incluir-se no globo, sentir e agir no planeta como alguém capaz de modificar o lugar onde vive, de (re) construí-lo e não apenas de ali estar como um personagem num palco. Dessa forma, para sabermos Geografia, precisamos ser alfabetizados na leitura dos lugares, sejam eles próximos ou distantes de nós. Isso passa necessariamente pelo uso de globos e de mapas (p. 15).

Além disso, é essencial que os professores façam o intermédio e dinamizem condições de trabalho que favoreçam os diferentes ritmos de aprendizagem. Também é necessário que incentivem uma aprendizagem ativa, participativa, dialógica, crítica, no sentido de assumir uma postura ética, de comprometimento coletivo, de mudança, buscando melhorar o planeta.

A Geografia, numa perspectiva interdisciplinar, pode assumir uma postura de mudança, de repensar velhas formas de ver o mundo, de buscar novos sentidos para a existência humana, de resgatar a vida em todas as suas dimensões e de se assumir como parte *integrante* da Terra em sua magnífica totalidade.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 CARLOS, Ana Fani Alessandri (org.). **Novos Caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto, 2002.
- 2 CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; CALLAI, Helena Copetti; KAERCHER, Nestor André. **Ensino de Geografia. Práticas e Textualizações**. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2003a.
- 3 CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; GOULARTE, Ligia Beatriz; KAERCHER, Nestor André. SCHAFFER, Neiva Otero. **Um Globo em suas Mãos: práticas para a sala de aula**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003b.
- 4 FAZENDA, Ivani. **Interdisciplinaridade. Um projeto em parceria**. São Paulo: Loyola, 1993.
- 5 _____. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. Campinas: Papyrus, 1994.
- 6 _____. **Interdisciplinaridade: qual o sentido?** São Paulo: Paulus, 2003.
- 7 FERNANDES, Cleoni Maria Barboza. **Sala de Aula Universitária – ruptura, memória educativa, territorialidade – o desafio da construção pedagógica do conhecimento**. Porto Alegre, RS. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Faculdade de Educação. Progra-

- ma de Pós-Graduação em Educação. Orientadora: Doutora Denise Leite. 200 p. 1999.
- 8 FREIRE, Paulo; *À Sombra desta Mangueira*. 4. ed. São Paulo: Editora Olho d'Água. 2004
- 9 FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. *Medo e Ousadia. O cotidiano do professor*. 10.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- 10 FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano; MAZZA, Débora (org.). *Fazer escola conhecendo a vida*. São Paulo: Papirus, 1987.
- 11 FREIRE, P. *A pedagogia do oprimido*. 41. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- 12 _____. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- 13 _____. *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000.
- 14 GONÇALVES, Maria Augusta Salin. *Ação interdisciplinar na escola e educação básica: reflexões introdutórias*. In: STRECK, Danilo. *Educação Básica e o Básico na Educação*. Porto Alegre: Sulina/UNISINOS, 1996. p. 169-180
- 15 HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 1992.
- 16 HEIDRICH, Álvaro; REGO, Nelson; SUERTEGARAY, Dirce. *Geografia e Educação. Geração de Ambiências*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000.
- 17 JAPIASSÚ, H. *Interdisciplinaridade e Patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- 18 _____. *O mito da neutralidade científica*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- 19 JAPIASSÚ, Hilton. MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. 3 ed. rev. e ampliada. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1996.
- 20 LUCH, Heloísa. *Pedagogia Interdisciplinar: fundamentos teórico-metodológicos*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- 21 PALMADE, Guy. *Interdisciplinariedad e Ideologias*. Espanha/Madrid: Narcea, S, A de Ediciones, 1979.
- 22 RIOS, Terezinha Azerêdo. *Compreender e ensinar. Por uma docência da melhor qualidade*. 4. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2003
- 23 SANTOS, Milton. *A natureza do Espaço – Técnica e Tempo – Razão e Emoção*. 4. ed São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- 24 SOUSA SANTOS. *Um Discurso sobre as Ciências*. 2. ed. – São Paulo: Cortez, 2004.

